

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Especialização em Residência Docente para a Formação de Educadores da
Educação Básica

Roney Santos Gonçalves

**APRENDIZAGEM DE INGLÊS DE MODO CRIATIVO E INOVADOR:
práticas de ensino na Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda que
motivem o interesse dos alunos, propiciando a criatividade e a aprendizagem.**

Belo Horizonte

2020

RONEY SANTOS GONÇALVES

APRENDIZAGEM DE INGLÊS DE MODO CRIATIVO E INOVADOR: práticas de ensino na Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda que motivem o interesse dos alunos, propiciando a criatividade e a aprendizagem.

Monografia de especialização apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica.

Orientadora: Raika Luana Aleme

Belo Horizonte

2020

CIP – Catalogação na publicação

G635a Gonçalves, Roney Santos
Aprendizagem de inglês de modo criativo e inovador: práticas de ensino na Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda que motivem o interesse dos alunos, propiciando a criatividade e a aprendizagem / Roney Santos Gonçalves. - Belo Horizonte, 2020.
46 f.; enc.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2020.

Orientadora: Raika Luana Aleme

Inclui bibliografia.

1. Língua inglesa – Estudo e ensino. 2. Língua estrangeira – Estudo e ensino. 3. Práticas de ensino. I. Título. II. Aleme, Raika Luana. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 375.4

CDU: 372.880.20



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CENTRO PEDAGÓGICO
SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO "RESIDÊNCIA DOCENTE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA"

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Cursista: RONEY SANTOS GONÇALVES

Matrícula: 2018741491

Título do Trabalho: Aprendizagem de Inglês de modo criativo e inovador: práticas de ensino na Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda que motivem o interesse dos alunos, propiciando a criatividade e a aprendizagem

BANCA EXAMINADORA:

Professor(a) orientador(a): Raika Luana Aleme

Professor(as) examinador(as): Luíza Santana Chaves Miconi Ferreira, Jaqueline Silva Miranda, Claudia Regina Fonseca Miguel Sapag Ricci, Tania Margarida Lima Costa

Aos 19 dias do mês de setembro de 2020, reuniram-se através de Teleconferência pelo aplicativo Zomm, os (as) professores(as) orientadores(as) e examinadores, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) cursista **RONEY SANTOS GONÇALVES**. Após a apresentação, o (a) cursista foi arguido e a banca fez considerações conforme parecer abaixo.

PARECER: APROVADO NOTA: 90 CONSIDERAÇÕES:

Este documento foi gerado pela Secretaria do Curso de Especialização "Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica" baseado em informações enviadas pela banca examinadora para a secretaria do curso. E terá validade se assinado pelos membros da secretaria do curso.



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Moreira Marques, Secretário(a)**, em 26/10/2020, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0335198** e o código CRC **7BCCCCF8**.

RESUMO

Frente à dificuldade de aprender o inglês e ao desinteresse de alguns alunos durante as aulas, este Projeto de Ação tem como objetivo principal aplicar atividades diversificadas de dramatização e interpretação que favoreçam a criatividade dos alunos e propiciem um maior grau de motivação e interesse nos educandos. A metodologia deste projeto se baseará na realização de múltiplas tarefas relacionadas à interpretação e dramatização, servindo-se do filme “Harry Potter e a Pedra Filosofal”. Espera-se que, durante a execução do projeto, os alunos se sintam mais motivados durante as aulas e que, apesar de vários entraves, consigam, ao término da sua aplicabilidade, compreender melhor o estudo da língua inglesa, como também desmistificar a ideia de que não é possível aprender inglês dentro da escola pública regular.

Palavras-chave: Motivação e Interesse. Dramatização e Interpretação.

ABSTRACT

Due to the difficulty of learning English and the lack of interest of many students during the classes, this Educational Project has as main goal the application of numerous activities of dramatization and interpretation that encourage students creativity, as well as to verify the level of motivation and interest that they awaken in the students. The approach of this work will be based on the performance of multiple integrated tasks related to the interpretation and dramatization, using the film "Harry Potter and the Philosopher's Stone". This project is expected to offer motivation for students in class during its application and that, despite several obstacles, they will be able, at the end of its applicability, to better understand the study of the English language, as well as demystify the idea of that it is not possible to learn English within the regular public school.

Keywords: Motivation and Interest. Dramatization and Interpretation.

SUMÁRIO

1 MEMORIAL.....	14
2 INTRODUÇÃO.....	29
2.1 PROBLEMA.....	30
2.2 OBJETIVOS.....	31
2.2.1 OBJETIVO GERAL.....	31
2.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	32
2.3 JUSTIFICATIVA.....	32
2.4 DURAÇÃO DO PROJETO E PÚBLICO ALVO.....	33
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	34
3.1 MOTIVAÇÃO E INTERESSE.....	34
3.2 DRAMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO.....	36
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	38
4.1 RECURSOS.....	40
4.2 AVALIAÇÃO.....	40
4.3 CRONOGRAMA.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 MEMORIAL

“Quando você quer alguma coisa, todo o universo conspira para que você realize o seu desejo.”

Paulo Coelho

Trajetória Inicial no Magistério

Lembro-me que, desde pequeno, a partir dos sete anos de idade, já manifestava em mim o desejo de ser professor. Foram vários princípios que contribuíram para minha opção pelo magistério e outros para a permanência até hoje. Tudo se iniciou quando entrei na primeira série do primário. Hoje, com 52 anos, tenho certeza que pessoas com menos de 50 anos não conheceram esse tempo de escola onde o atual ensino fundamental dividia-se em primário e ginásio e, o atual ensino médio, chamava-se científico que depois ficou conhecido como 2º grau. Já no primário, fiquei encantado com a professora Dona Edméia. Que Deus a tenha. Ela tinha uma alegria e um amor pela profissão que conseguiu fazer com que eu me apaixonasse pela profissão de professor. Uma excelente professora que me acompanhou no 1º e 2º anos. Outro episódio que influenciou a minha escolha, foi, sem dúvida, o convívio com a escola: minha tia Diva era cantineira de uma escola e, às vezes, me levava para passar o final de semana na casa dela e, na segunda-feira seguinte, me levava com ela para a escola onde trabalhava. Não lembro o nome da escola, só sei que ficava na Rua Paru, bairro Renascença em Belo Horizonte. Depois passou a ser Colégio Renascença da Rede Polimig e hoje é a Faculdade Universo – Belo Horizonte. Enquanto minha tia fazia suas tarefas na cozinha, ela me deixava assistir as aulas dos professores. Uma das aulas ficou na minha lembrança: a professora ensinava aos alunos como olhar horas no relógio. O fato de estar ali, em sala de aula, despertava, cada vez mais, meu interesse pela profissão de professor. Começava a achar legal ter o “status” de professor. Assim, comecei a brincar de dar aulas durante o meu tempo livre. Para isso, carregava para casa, às vezes, disputados com outros colegas no final da aula, os pedaços de giz deixados pelos professores na lousa, ou melhor, no quadro negro. Sim, quadro negro. Muitas

coisas são muito vivas em nossa memória. O quadro era negro mesmo para que a cor branca do giz pudesse se destacar no fundo preto; E que felicidade quando encontrava algum giz todo intacto, inteiro. Em se tratando de memória, e as provas impressas em mimeógrafo com letras azuis que eram distribuídas ainda com o forte cheiro de álcool e algumas até borradas? Tudo isto me fascinava. Passei, então, a dar aulas para alunos invisíveis na minha própria casa. Isto até se constituía numa maneira de estudar o que estava aprendendo na escola, pois eu repetia, decorava, escrevia nas portas do quarto com o giz “roubado” e até elaborava exercícios para casa. Já despontava em mim uma vocação para ser professor. Só não sabia qual licenciatura seria: Matemática? História? Ciências? Não tinha preferência por nenhuma disciplina até concluir o primeiro grau (Ensino Fundamental hoje). Já no segundo grau (Ensino Médio) a Matemática começou a obter vantagem em minhas preferências. Sim, a Matemática. Eu era um dos melhores alunos em sala de aula. Disputava com mais dois as melhores notas nas provas. E eis que tentei meu primeiro vestibular na UFMG para Matemática. Não passei nem na primeira etapa. Foi uma decepção tamanha, para um aluno que era um dos melhores naquela matéria. Confesso que fiquei um tanto traumatizado com isto. Ao me inscrever para o vestibular pela segunda vez, em 1989, fiquei na dúvida entre tentar Matemática novamente, Química, Biologia ou Letras. Todas com a intenção de me tornar professor. Isto era o mais importante para mim. Com medo de não ser aprovado novamente e desistir de tudo, optei por Letras porque havia mais vagas, eram 240 divididos em 120 para entrada no 1º semestre de 1989 e outros 120 no 2º semestre. Enquanto Matemática eram 60 vagas apenas. A opção por Letras não se deu porque tinha preferência pelo Português, Inglês ou outra língua. Simplesmente por ter quatro vezes mais vagas. E para minha felicidade fui aprovado e consegui me classificar para entrada no 1º semestre ainda. Contudo, iniciado os estudos, o sentimento de vocação também pelo Português e Inglês despertara em mim. E a cada semestre estava convicto de que eu havia feito a opção correta.

Trajetória de Formação: de Estudante à Professor

Ao ingressar na UFMG, fiz o básico na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). As cinco primeiras disciplinas eram básicas para todo curso de humanas: História, Psicologia, Sociologia, Filosofia, etc. Eram ministradas na antiga

FAFICH, prédio localizado na Rua Carangola, Bairro Santo Antônio, onde hoje funciona a Secretaria de Educação de Belo Horizonte. Foi minha primeira experiência como estudante universitário. No semestre seguinte, as aulas já eram na Faculdade de Letras, Campus da Pampulha. Resolvi estudar Português primeiro, para depois pedir continuidade de estudos na língua inglesa. Porém, podíamos fazer algumas disciplinas de inglês que serviam como eletivas para o Português e, ao mesmo tempo, nos dispensavam das matérias ao retornar os estudos para uma segunda habilitação. Tive uma decepção na minha primeira disciplina de inglês: não entendia uma só palavra da professora, que só conversava em inglês. O livro adotado também era chato, difícil. Em menos de um mês de aula, resolvi trancar a matrícula na disciplina de Língua Inglesa I, pois tinha absoluta certeza que seria reprovado. Não queria perder meu tempo. Estava disposto a aprender e também ser aprovado com nota/conceito bom: entre 80 a 100 pontos, conceitos B ou A. Assim, matriculei-me no CENEX para aulas de Língua Inglesa e tive excelentes professores/alunos da Faculdade e meu inglês começou a melhorar. Mais tarde pude perceber que seria reprovado naquela disciplina por três motivos: primeiro porque o conhecimento de inglês não era suficiente para conseguir acompanhar as aulas; segundo porque a professora designada para a aula de Línguas era de Literatura, não tinha didática, em minha opinião, para o ensino da língua. Talvez tivesse para o ensino de literatura inglesa. São campos bem distintos; terceiro porque o livro adotado era péssimo, poucos exercícios, poucas gravuras, acredito que não era destinado para o ensino de línguas. No semestre seguinte, matriculei-me novamente na mesma disciplina. Desta feita foi um sucesso. A professora era outra, chamava Herzila. Ela, que era da área de Linguagem, tinha paciência com os alunos, era amiga, confiante, tranquila para dar as aulas e muito competente didaticamente. Também trocaram o livro para o “Flying Colors”, excelente livro didático para o ensino de línguas, com CD, muitos exercícios começando do nível fácil e aumentando gradativamente a complexidade dos exercícios. Além disso, havia muitas figuras, textos mais curtos, etc. Por fim, para completar, eu também já estava mais acostumado com o inglês, pois acabara de fazer o Estágio 1 de Inglês no CENEX e, paralelamente, estava fazendo o Estágio 2. Conclusão: aprendi e passei com conceito A. No semestre seguinte, matriculei em Língua Inglesa II e a professora Herzila acompanhou a turma, o que fez meu rendimento continuar

melhorando, novamente sendo aprovado com conceito A. A partir da Língua Inglesa outros fatores interferiram no meu aprendizado. Na Língua Inglesa III contrataram uma professora americana, recém-chegada ao Brasil. Até então, apesar dos protestos da turma em querer a Herzila, concordamos que precisávamos passar por outros professores, com novos olhares, métodos de trabalho diferentes, pois ninguém é igual a ninguém. O inglês era perfeito por ser nativa, mas a didática deixava a desejar. Não era como a Herzila, “corria” com a matéria, a explicação era difícil de acompanhar, as provas eram mais complicadas, enfim, fui aprovado, mas o conceito caiu para B. Nesta experiência toda pude perceber o quanto o professor faz a diferença no ensino-aprendizagem de seus alunos. Formei e, no início de 1993, comecei a exercer a tão sonhada profissão de professor.

Trajetória Docente no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Contagem

Entrei para Rede Municipal de Contagem em 1991 como Auxiliar de Secretaria. Trabalhava na Escola Municipal Coronel Joaquim Antônio da Rocha no Bairro Ressaca. Ali, convivendo com vários professores, aguardava ansioso pelo momento de entrar em sala de aula para lecionar. Contudo, o meu cargo não era de professor e sim de Auxiliar de Secretaria. Tinha que me contentar em realizar trabalhos burocráticos na Secretaria da Escola como realizar matrículas, preencher históricos escolares, fichas, etc. Não era o que gostaria de fazer naquele momento. Até que surgiria minha primeira oportunidade para lecionar: uma professora de Português estava prestes a entrar em licença-gestação. Na realidade eu não poderia substituí-la, pois meu cargo não era de professor, mas como eu era muito amigo da diretora naquela época, Maria do Amparo Azevedo, ela procurou a Secretária de Educação e deram um jeito para que eu pudesse substituir aquela professora pelo período de 4 meses no qual ela estaria afastada. Foi o momento mais sublime na minha vida, pois era meu primeiro contato em sala de aula como professor. Já no início da profissão tive várias decepções que quase me levaram a “abandonar o barco”. Meu primeiro autoquestionamento veio logo mesmo durante aqueles quatro meses de substituição em 1993. Acreditava que, por ser professor de Português, só precisaria ensinar o conteúdo, mas de início aprendi que educação vai além disso. Hoje vejo que o conteúdo é só um ensejo para estar do lado dos alunos. A disciplina é apenas uma ferramenta para desenvolver algumas habilidades, mas dentro da

formação mais ampla. O começo da minha profissão parece ter sido o momento mais desafiador. O educador sai da faculdade sabendo apenas o básico. Há muito mais a ser internalizado e compreendido que se concretizará com a experiência docente. Por exemplo, como lidar com a indisciplina, como trabalhar com projetos, como estimular e motivar a aprendizagem, e muito mais. Nós, educadores precisamos de uma preparação posterior que amplie nossos horizontes e crie a possibilidade de nos tornarmos um profissional cada vez melhor. Eu precisava vivenciar mais experiências para aprender com elas. As tais experiências bem exploradas e discutidas no livro “*Ensino e Aprendizagem de Inglês: experiências, desafios e possibilidades*” de Laura Miccoli.

Trajetória Docente na Rede Particular de Ensino

Deixei o cargo de Auxiliar de Secretaria Escolar e fui lecionar na Rede Particular de Ensino. Nesta fase, já acreditava que estava capacitado e privilegiado por trabalhar com o produto mais rico e delicado, que é o ser humano. Iniciou-se, então, minha segunda experiência em sala de aula como docente. Lecionei no Colégio Renascença para o 1º grau e no Colégio Técnico Vital Brasil para o 2º grau de 1993 a 1994. Procurei ser um exímio professor. Meus diários eram impecáveis, sem nenhuma rasura. Certa vez cheguei a ver o diário de uma professora de Português e fiquei abismado como podia mantê-lo daquela forma: muitas rasuras, letras grandes e emaranhadas, totalmente sem capricho. Além disso, participava de todas as reuniões convocadas para sábados pela manhã. Havia professores que não compareciam. O diretor, Paulo, gostava muito do meu desempenho e dedicação. Porém, no final do ano, chamou-me à sua sala e disse que não havia nada que desmoralizava minha conduta naquela escola, mas que por ordem superior, estaria me demitindo para contratação de outra professora, amiga da filha da dona Maria, proprietária do Colégio. Foi ‘um balde de água fria’ para mim naquele final de ano. Não conseguia entender. Pensei até em desistir da profissão de professor. Mas segui firme, convicto de que não deixei nada a desejar, conforme o diretor mesmo havia me dito. Sabia que ele era uma “marionete” nas mãos da Diretora Geral do Colégio. Lembro-me que outros professores até comentavam sobre a filha desta Diretora Geral, que era tida como a Coordenadora Pedagógica da escola, mas que chegava à escola, de salto alto, toda maquiada, às 21h00min e

22h00min ia embora. Aparecia na escola apenas para recolher o dinheiro que entrava em caixa. Os professores a chamavam de “boneca”. Fazia meu trabalho com afinco, evitava quaisquer comentários sobre ela, mantinha os diários em ordem, participava de todos os eventos e reuniões promovidos pela escola, tinha um bom relacionamento com os alunos a ponto de ser convidado por eles para as festas particulares que promoviam e, apesar de tudo isto, fui despedido naquele ano sem uma justificativa plausível. Logo, apareceu meu segundo autoquestionamento: tinha clareza plena do meu domínio do conteúdo, da minha boa relação com os alunos, demais professores, funcionários e direção, da minha assiduidade e pontualidade, da minha participação ativa na vida escolar, do meu zelo pela conservação do material em geral, enfim, de todo meu bom trabalho pedagógico e, ainda assim, fui demitido. Valeria a pena continuar nesta profissão?

Trajetória Docente na Rede Estadual de Minas Gerais como Designado

Acreditei sim, que valia a pena. Continuei a minha jornada de professor, desta vez em Escola Pública. Passei a lecionar na Escola Estadual Getúlio Vargas como designado, no bairro Serra Verde. Logo apareceria meu terceiro autoquestionamento: como lidar com a indisciplina na escola? Não estudamos e nem vivenciamos a indisciplina na Faculdade, não a experimentamos de fato antes de entrar em uma sala de aula. A maioria dos educadores não sabe como interpretar um ato de indisciplina. Devemos reprimi-lo? Compreendê-lo? Transformá-lo? Ou simplesmente ignorá-lo? Como pôr ordem no caos? Lembro que esta passagem pela Escola Estadual Getúlio Vargas levantou-me estes questionamentos. Trabalhar naquela escola foi um período cansativo, mas de boas experiências e relações com alunos e professores. Fiz muitas amizades, inclusive de alunos que até hoje tenho contato. Porém, a escola tinha uma aparência horrível, era toda pichada por dentro e por fora. Esta imagem já demonstrava por si só que ali haveria muitos desafios a serem superados. A escola localizava-se bem longe da minha casa e o meio de transporte que eu utilizava era ônibus. Chegava em casa tarde da noite, por volta da meia-noite, cansado e, muitas vezes, frustrado com alguns fatos que ocorriam naquela escola, principalmente, na turma 603, uma turma de 6ª série. Nenhum professor conseguia dar aulas nesta turma, era uma loucura. Até fumar maconha em sala eles fumavam escondido. Ao adentrar na sala, o cheiro deixava evidente o uso

da droga. Ninguém tomava providência alguma. Nenhum educador propunha um trabalho diferenciado com esta turma. Cheguei a propor que fizéssemos uma reunião para definirmos uma linha de trabalho, um trabalho diferenciado, um projeto especial para esta turma. Porém, como o ensino era totalmente tradicional, não me deram ouvidos. Até que um dia, do 2º andar, jogaram ácido muriático no carro do diretor e todos os alunos foram suspensos de aula por este motivo. A partir daí, passaram a dar atenção especial a esta turma, mas, ainda assim, não houve o desenvolvimento de um trabalho específico com aqueles adolescentes. Buscava o envolvimento de todos os docentes, pois não adiantava ficar só reclamando da turma. Era o que todos apenas faziam. Sentia-me isolado, sem forças, ou melhor, sem colaboração de ideias para desenvolver um Projeto naquela turma. Tinha clareza que estratégias de repressão eram pontuais, imediatistas e ineficazes. O trabalho requeria o envolvimento de toda a equipe. Um Projeto Pedagógico coletivo seria, sem dúvida, uma ferramenta fundamental para ajudar aqueles alunos que estavam envolvidos com as drogas. Tenho certeza de que surgiria ideias excelentes para o trabalho coletivo com a turma. E, por não conseguir o envolvimento e colaboração dos demais colegas foi que, durante aquele ano, novamente questionei estar na profissão errada e pensei em desistir. Mas segui em frente mais uma vez.

Trajetória para Além de Minas: Novas Experiências Culturais

Final do ano de 1996. Gostava muito de ler jornais. Certo dia, lendo o Estado de Minas me deparo com um anúncio do Colégio Pitágoras que estava selecionando docentes para trabalhar em Pitinga no Estado do Amazonas e em São Luís, no Maranhão. Em Pitinga a vaga era para professor de Língua Inglesa e em São Luís era para professor de Português. Candidatei-me à vaga de Português simplesmente porque Pitinga era cidade pequena, do interior do Amazonas, e São Luís, cidade grande, capital do Estado do Maranhão, onde havia praias. Acreditei que me adaptaria melhor no Maranhão. Seria uma experiência totalmente nova para mim e o salário era muito compensador, chegando a três vezes mais o que eu ganhava aqui em Belo Horizonte. Não hesitei um minuto. O “NÃO” como resposta eu já tinha, então por que não tentar, quem sabe, o SIM? Fiz a minha inscrição e fui fazer a prova escrita e o psicotécnico. Na semana seguinte recebi uma ligação da coordenadora dizendo que fui aprovado e que eu teria mais duas etapas a cumprir:

uma prática e, caso eu fosse aprovado, os exames médicos. A prática seria uma aula para uma coordenadora e um outro professor da área, com um assunto pré-determinado. Disseram para que eu preparasse uma aula com o tema “Vozes do Verbo”. Assim o fiz e, na semana seguinte, fui ao Colégio Pitágoras da Pampulha fazer a prova prática. Era um dia de sábado. Preparei-me durante a semana para dar a aula solicitada. No início da aula achei tudo muito esquisito, pois já estava acostumado a dar aulas para alunos. Desta vez eu estava lecionando para professores e, para completar, sendo avaliado. Era minha primeira experiência neste sentido. Mas tão logo iniciei a aula, lembrei-me que eu, quando criança, dava aulas para alunos invisíveis e, a partir de então, senti-me um pouco menos desconfortado e deslanchei. Terminado a aula, despedi-me dos professores e fui para casa aguardar o resultado. Eis que, na segunda-feira, recebo um novo telefonema dizendo que eu havia sido aprovado, que deveria fazer os exames médicos e, dando tudo certo, em janeiro, estaria me embarcando para o Maranhão. Senti um calafrio. Não acreditava naquilo que estava acontecendo. Tudo tão de repente. Vida nova, nova Escola, salário melhor, novas experiências, cultura diferente, longe de casa, dos amigos, da família. Fui fazer os exames médicos e a consulta com o médico do trabalho do Colégio. Meu único problema foi o médico ter detectado Giárdia nos meus exames devido às refeições em self-service que fazia, mas o médico logo me receitou um remédio e disse que eu estava apto para o cargo. Em seguida, levei a documentação ao Colégio e tudo estava confirmado, com passagens compradas para a última semana de janeiro. Recordo-me que, entre o processo de descoberta do anúncio no jornal e a realização de todo o processo seletivo, não durou nem um mês. Tudo começou em meados de dezembro e logo em meados de Janeiro, já estava de malas prontas. Tudo tão rápido. Cheguei à capital do Maranhão, São Luís. Fui recebido pelo Coordenador de área que me levou ao alojamento. Era um apartamento que seria dividido por três professores: eu, professor de Português e Literatura; Verônica, a de História; e Jorge, também de Português. Foi uma experiência boa e produtiva morar com mais dois professores, pois dividíamos tudo na casa, uma novidade para mim, e compartilhávamos as experiências vividas em sala de aula. Aprendi muito com os dois. E tenho certeza que também contribuí bastante na trajetória de ensino-aprendizagem dos dois. Depois da aula estávamos ali, nós três, corrigindo provas, elaborando provas,

discutindo relações de alunos e professores e fatos ocorridos com outros professores. Às vezes, íamos dormir às 2 horas da manhã, para levantar às 6 horas. Foi uma experiência muito diferente de todas as outras pelas quais passei. Primeiro, porque o Colégio Pitágoras era tido como uma escola notável naquela época. Só estudava lá a elite de São Luís. Tive alunos que eram netos do ex-presidente José Sarney. Segundo, quase todos os professores eram provenientes do Sul e Sudeste. Convivi com pessoas de culturas diversas. Terceiro, a cobrança por resultados esperados era intensa: ao final do bimestre, a porcentagem de média perdida de cada turma não podia ser superior a 20%. E, ainda assim, a meta para o bimestre seguinte era atingir uma porcentagem abaixo da anterior. A cobrança por parte da direção e coordenação era demasiada. Isto fazia com que cada professor se esforçasse o máximo para que a aprendizagem de fato ocorresse. Precisávamos, periodicamente, buscar melhorias em todos os aspectos, como rever constantemente nosso método de ensino, verificar a aprendizagem antes das avaliações, elaborar provas com bastante critério e cautela, salvaguardar a disciplina em sala de aula constantemente, cativar a confiança dos alunos, etc. Foi um trabalho desgastante, mas gratificante, pois aprendi demasiadamente em seis meses de trabalho na capital maranhense. Por que, então, fiquei somente seis meses, se aquela experiência me proporcionava um crescimento enquanto professor? Saudades! A ausência da minha família, principalmente dos meus sobrinhos pequenos com os quais eu tinha uma ligação extremamente afetiva, foi mais incisiva para eu desistisse no meio do ano de continuar no Colégio Pitágoras. Assim, retornei, em julho, para Minas Gerais, com uma bagagem de experiência jamais obtida em toda minha trajetória profissional.

Trajetória de Aprendizagem como Bibliotecário.

Tão logo retornei à minha saudosa terra natal, recebi um telegrama da Prefeitura de Belo Horizonte convocando-me para posse do Cargo de Auxiliar de Biblioteca, concurso que havia feito há um ano. Portanto, não fiquei desempregado. Em julho de 1997 fui trabalhar na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, bairro Letícia, região de Venda Nova. Uma escola pequena, apenas 10 salas de aula, mas muito acolhedora. Apesar de não estar propriamente em sala de aula, os dois anos de trabalho como Auxiliar de Biblioteca trouxeram muitas experiências

importantes em minha trajetória docente, pois estava dentro de uma escola, num ambiente próprio de ensino-aprendizagem, contato constante com os professores e alunos, participava das reuniões pedagógicas, da elaboração e envolvimento em vários projetos de trabalhos, de formações proporcionadas pela Prefeitura. Enfim, tempo que também contribuiu enormemente para o meu crescimento profissional.

Trajatória de Nova Formação: segunda habilitação em Língua Inglesa.

Enquanto trabalhava como Auxiliar de Biblioteca durante o dia, resolvi dar continuidade aos meus estudos à noite. Fui à UFMG e solicitei Continuação de estudos. Os ex-alunos que já possuíam uma habilitação podiam, sem prestar vestibular novamente, solicitar continuação de estudos e obter uma nova habilitação. Comecei então uma nova trajetória em minha carreira: habilitação em Língua Inglesa e suas Literaturas. Pude aproveitar várias disciplinas cursadas durante a minha primeira habilitação que foi em Língua Portuguesa e suas Literaturas. Desta forma, em dois anos de estudos consegui concluir mais uma etapa e obtive a licenciatura para Língua Inglesa. Convivi e aprendi muito com excelentes mestres e doutores da Faculdade de Letras. Rosângela Borges, Mário Alberto Perini, Letícia Malard, Lúcia Castelo Branco, Gláucia Renate, Maralice de Souza, Luis Carlos Rocha, o Rochinha, Adriana Tenuta, Ana Larissa, Andrea Machado, Anelise, Thaís Cristófaró e muitos outros. Todos influenciaram positivamente minha carreira de magistério, fazendo com que eu evoluísse ainda mais por intermédio dos seus modos seguro e confiante de agir, de suas ações sábias e planejadas. Cada um deles, de maneira distinta, fizeram com que eu pensasse por mim mesmo e que tivesse ideias originais e sólidas, permitiram que eu descobrisse meus atributos ocultos, me ensinaram a ser paciente, tolerante e resiliente com aqueles que têm mais dificuldades, fizeram críticas e elogios em momentos oportunos, despertaram em mim motivação e entusiasmo pelo saber e muito mais. Com eles, aprendi a importância gigantesca do professor e sua responsabilidade. Seus ensinamentos foram capazes de potencializar as minhas experiências já consagradas até aqui.

Trajatória como Professor de Línguas no CENEX da UFMG.

Com estes mestres e doutores, aprendi a gostar cada vez mais da área de linguagens, especificamente da Língua Inglesa e da Língua Portuguesa. Além disso, compreendi que compartilhar o saber é um ofício maravilhoso, mas que para realizar essa importante ação devemos estar muito bem preparados para executar sua função por meio de atitudes diferenciadas, positivas e eficazes. Foi então que decidi verificar o quanto estava preparado para o ensino da Língua Inglesa. Resolvi me inscrever para Professor de Línguas no CENEX. Passei por uma prova escrita e depois por um treinamento e, por fim, seriam selecionados aqueles que, na prática, demonstrassem a competência e o diferencial no processo do ensino. Cada participante do processo de seleção teve que dar uma aula expositiva sobre um tema pré-selecionado para os demais colegas e três professores avaliadores. Novamente uma experiência muito gratificante e salutar. Fui selecionado e comecei a lecionar no Curso de Línguas do CENEX. Lecionei por um semestre apenas porque fui chamado para tomar posse em meu primeiro cargo de professor na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Trajetória Docente na Rede Municipal de Belo Horizonte.

Em 1999 entrei para a Rede Municipal de Belo Horizonte, desta vez como Docente. Fui para a Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda, onde permaneço até hoje. Meu irmão trabalhava nessa escola como professor de Matemática e me deu boas referências de lá. Acreditei que, desta feita, não haveria desafio maior a enfrentar, pois já havia adquirido e vivenciado várias experiências: as impressões do processo ensino-aprendizagem, as descobertas, as relações professor/aluno e colegas de trabalho, a indisciplina em sala de aula, os aspectos que funcionaram ou que não funcionaram durante as atividades e que me permitiram pensar sobre o que foi feito e sobre o que se podia melhorar, etc. Enfim, sabia que haveria desafios a serem superados, mas esperava ter mais facilidade para enfrentá-los nesta nova escola. Contudo, mais um autoquestionamento logo se manifestou: como seria possível ensinar, com qualidade, uma Língua Estrangeira para 16 turmas cada qual com 35 alunos em uma sala de aula, com apenas uma aula por semana de uma hora apenas? Foi desesperador. São 560 alunos no total. Muitas provas e trabalhos para corrigir, planejamentos, diários, relatórios. E o mais importante: como conhecer cada aluno? Das experiências adquiridas eu sabia que o papel da escola não é de

apenas instruir nossas crianças, vai muito além disso. Os alunos merecem toda a atenção do professor e este se sente perdido não tendo condições de utilizar as suas técnicas educacionais de forma satisfatória, a fim de que possa, assim, ajudar os alunos no crescimento e desenvolvimento dentro do processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes queria chamar o aluno pelo seu nome e não sabia. Findava o ano letivo e eu não conseguia nem ao menos memorizar os nomes dos meus alunos. Como dar oportunidade a todos para se expressarem em uma sala superlotada? Educação é um processo que pressupõe relação. Como o professor pode ter esta relação em uma turma com excesso de alunos? E qual a importância a escola estava dando para o ensino da Língua Estrangeira, enquanto todas as disciplinas tinham 3 a 4 aulas e inglês apenas uma? Acredito que muito pouco. Nenhum dirigente escolar propôs um debate para ampliar a quantidade de aulas ofertadas da disciplina na grade regular. O ensino da língua inglesa convive com contratempos que indica estarmos longe de uma solução que nos atenderia. Além das turmas cheias e carga horária reduzida, a formação na área é deficitária e, ainda, presenciamos alguns alunos desmotivados. São alguns dos empecilhos verificados. Felizmente, a nova Secretária de Educação de Belo Horizonte está atenta a alguns destes fatores e começou, por exemplo, a investir na formação de professores, o que me estimulou a fazer, atualmente, a Especialização em Residência Docente.

Trajetória como Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola.

Aos poucos fui percebendo que tinha algo a mais a realizar nesta escola enquanto educador. Candidatei internamente ao cargo de Coordenador Pedagógico em 2005 e fui aclamado e eleito pelos meus pares. Porém, desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade nesta escola era e continua sendo muito desafiador, pois o coordenador pedagógico, assim como o diretor, assumem várias funções, inclusive disciplinares, que acabam o impedindo de desenvolver um trabalho pedagógico propriamente dito. Tanto é verdade que, sentindo a necessidade de verificar quais os problemas que afetavam o bom trabalho pedagógico da escola, a direção da época, Fátima e Beatriz, contrataram o educador e cientista político Rudá Ricci e sua equipe, bem como o Instituto Félix Guattari, para desenvolver um trabalho na escola com toda a equipe e levantar os possíveis problemas que impedem o

desenvolvimento do trabalho pedagógico naquele ambiente. Um dos problemas apontados por ele em seu relatório final foi exatamente o envolvimento e ocupação da direção e coordenação em problemas com os quais não deveriam se ocupar. Precisaria de uma mudança radical. Rudá Ricci disse em uma de suas falas que: “o pouco que estive na sala do diretor foi uma loucura: pai entrando na sala para conversar com o diretor, professor pedindo pincel, aluno pedindo coisas, etc.” Foi um investimento financeiro altíssimo na formação, se estendeu por meses e que, no relatório de conclusão do formador, haveria necessidade de muitas mudanças. Até hoje, conseguimos colocar em prática poucos encaminhamentos sugeridos. Mas enfim, assumir o cargo de coordenador de 2005 a 2006, e depois de diretor de 2007 a 2011, foi uma opção que me exigiu muita paixão, compromisso e avaliação constante da nossa prática e da de todos que compunha a equipe. O cargo de coordenador e diretor contribuiu muito para a minha formação docente. Enquanto estive na Coordenação e Direção procurei ter confiança em cada membro da equipe. Havendo cumplicidade profissional e consideração a todos, a equipe compreende melhor o seu papel e contribui mais dentro do contexto do processo educacional de nossos alunos. Minha trajetória na educação naqueles dois anos enquanto Coordenador e cinco como gestor foram importantíssimas na minha carreira docente. São histórias de vida, em uma profissão que, todos os dias, nos recompensa com novos desafios. Tenho certeza de que cada um de nós, educadores, estaremos na direção certa se continuarmos a pensar sobre a nossa prática.

Trajectoria de Especializações.

Buscando ser um profissional cada vez melhor, sempre acreditei na formação docente. Porém, a escolha por um curso de pós-graduação precisa fazer parte de uma estratégia planejada com o intuito de alcançar um objetivo profissional. Para mim, uma especialização deve ser feita para preencher competências que acreditamos que há necessidade de aprimoramento. Como eu não tinha um conhecimento mais profundo na área ambiental e convicto de que a educação ambiental apresenta ações educativas que muito contribuirá para formação de nossos alunos, futuros cidadãos conscientes no que diz respeito à preservação do meio ambiente, abrindo caminho para mudanças de atitudes, escolhi o meu primeiro

curso de pós-graduação em Educação Ambiental. Amei o curso e aprendi muito com ele. Já desenvolvemos, na escola, projetos bastante proveitosos na área ambiental. Minha segunda especialização foi propriamente dentro da minha área de ensino: Especialização em Língua Inglesa. Senti a necessidade de me atualizar quanto aos métodos de ensino de uma língua estrangeira. Matriculei na UFMG. A especialização tinha ênfase em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa. Concluí todas as disciplinas, só não apresentei o trabalho final, o TCC, que era a elaboração de atividades didáticas, por problemas pessoais na época. Outro curso que me interessou foi quando estive na direção da Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda. Trabalhei muito na implementação da Escola Integrada por acreditar que a permanência dos educandos na escola por um período maior poderia contribuir para melhoria da aprendizagem deles. Solicitei à Secretaria de Educação e fui atendido prontamente. Porém, precisava entender como se daria essa ampliação, com quais objetivos pedagógicos e como qualificar essas horas a mais. Por isso, decidi que meu próximo curso de pós-graduação seria em Escola de Tempo Integral. No curso discutiu-se muito a questão do currículo na Escola Integrada, a estrutura e as condições de trabalho dos professores. Aprendi o suficiente para perceber que ainda temos grandes e urgentes desafios para garantir a qualidade na Escola Integrada da Escola, como por exemplo, profissionais formados e qualificados, ambientes ampliados e equipados, estudo e divulgação de resultados da aprendizagem antes e pós Escola Integrada, dentre outros. Atualmente estou cursando outro curso de pós-graduação na UFMG, intitulado Residência Docente. É a primeira turma a ser formada pela Universidade com esta titulação e que faz parte de um investimento da atual Secretaria de Educação, cujo objetivo principal é o aperfeiçoamento da prática docente. Curso excelente, de carga horária extensa, bem planejado e acompanhado pelos docentes do Centro Pedagógico da UFMG. A escolha deste curso se deu por vários fatores: primeiramente porque sempre quero estar em formação continuada de forma que me permita realizar um ensino de qualidade na escola onde eu estiver lotado e, segundo, porque no momento não tenho como custear um curso de pós e o Estado está patrocinando o curso. Um dos diferenciais deste Curso de Residência Docente tem sido a integração entre a escola de origem, a Universidade e a Secretaria de Educação. Por exemplo, professores, coordenadores e supervisores da Universidade vão até à escola de origem dos

residentes e se inteiram dos projetos que lá acontecem, além de auxiliarem o residente na construção e desenvolvimento do seu Projeto de Ação a ser trabalhado com os alunos. Outro diferencial tem sido a parceria pactuada entre a Secretaria de Educação e a UFMG e entre a Secretaria de Educação e as direções de escola, no sentido de formalizar imenso apoio aos residentes durante toda a realização do curso. Destaco, também, a imersão proposta pelo curso. Cumprimos uma carga de mais de 2000 horas entre atividades presenciais e à distância. Em minha opinião, de todos os cursos de pós que já realizei, este sido o mais perfeito na modalidade de aperfeiçoamento e especialização, sem desmerecimento aos demais já concluídos, mas pelo elevado padrão de excelência. Em outras palavras, temos a oportunidade de nos qualificar com excelência, de adquirir um conjunto de estratégias que mobilizam o processo de ensino para atender nosso principal público alvo: os nossos alunos. O curso nos proporciona vivenciar, na prática, o trabalho escolar. A aprendizagem depende de um trabalho contínuo de análise, acompanhamento e intervenção do professor. O mundo passa por transformações rápidas: valores, conceitos, sentimentos, pensamentos, ações. Uma nova visão faz-se necessária. Cabe ao professor acompanhar as mudanças, engajar, aprender e propor tarefas desafiadoras, transformando suas aulas em momentos preciosos de interação, onde o aluno é motivado a aprender de forma natural e contextualizada. Trabalhar de forma natural e contextualizada seria reconhecermos que os nossos alunos são diferentes, que nem todos eles têm os mesmos interesses e capacidades, que nem todos eles aprendem do mesmo jeito, pois cada um tem o seu próprio ritmo para se instruir. Portanto, defrontamos com um enorme obstáculo: de que forma podemos dar aulas e trabalhar os conteúdos com o objetivo de estimular as habilidades desiguais e as particularidades intelectuais existentes em nossos alunos? Por isso, nós professores, precisamos trabalhar de forma contextualizada e estarmos sempre atentos àqueles alunos que não obtém desempenhos inicialmente esperados em suas aprendizagens. Naturalmente precisamos despertar neles o entusiasmo por assuntos a serem apresentados. Por essa razão, torna-se muito importante o papel da motivação, o diagnóstico das habilidades dos alunos e o trabalho diversificado.

2 INTRODUÇÃO

“A motivação faz parte da ação. É um momento da própria ação. Isto é, você se motiva à medida que está atuando, e não antes de atuar”. Paulo Freire

A motivação para este Projeto de Ação surgiu a partir da percepção da desmotivação de alguns alunos em sala de aula. Sinais como notas baixas e pouco rendimento dos educandos nos mostra que algo não está funcionando bem com a metodologia que está sendo adotada.

Direcionando o foco para o ensino da língua inglesa, precisamos ressaltar que os alunos iniciam o estudo do inglês na Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda a partir do 6º ano. Estudam durante quatro anos e, ao final do 9º ano, percebe-se que pouco sabem desta língua tão comum em nosso meio. A maneira como o inglês é trabalhado com poucas aulas, uso excessivo do livro didático e raros projetos, podem estar causando certo desinteresse nos alunos.

Acreditamos que todo estudante é o sujeito da transformação da sociedade e da própria vida. Por isto, neste projeto de ação procuraremos aplicar atividades que destacam o protagonismo dos alunos, a empatia, o trabalho em equipe e a criatividade.

Aprofundando ainda mais durante a aplicação das atividades, buscaremos investigar as atividades que motivam e as que, por ventura, desmotivam os alunos.

Espera-se com este Projeto de Ação que as aulas sejam mais dinâmicas e que façam o aluno interagir e participar mais das aulas, integrando-se ao que está sendo ensinado, adequando este idioma ao mundo dos aprendizes, levando-os a descobrir que o inglês já se tornou parte do nosso cotidiano, pois é fácil observar isso em várias situações do dia-a-dia: escola, faculdade, trabalho, televisão, jornais e principalmente na internet, onde há conexão com o mundo. Além disso, aprender esta língua lhes trarão novas perspectivas intelectuais e até mesmo sociais, pois o conhecimento básico ou o domínio da língua inglesa é relevante para o convívio entre as pessoas e, principalmente, para a admissão em cargos melhores e com boas remunerações no atual mercado de trabalho cada vez mais concorrente e exigente. Em algumas áreas, sobretudo nas empresas multinacionais, o inglês não é mais uma opção, e sim um pré-requisito para a seleção dos candidatos para cargos

específicos. Por isso, o conhecimento da língua inglesa é um diferencial que acrescenta uma série de possibilidades e oportunidades de ingresso em novos níveis profissionais e acadêmicos, considerando que as habilidades e competências relacionadas ao domínio do inglês são bastante reconhecidas e valorizadas. Acrescente-se a isso que, saber inglês, é essencial para o crescimento pessoal, para a comunicação em viagens, na convivência com turistas, na interação com novas culturas, para o entretenimento, para os negócios e estudos.

Buscaremos mostrar ainda que o comportamento e o relacionamento do professor com os alunos também precisam ser repensados. O método tradicional de avaliar o aluno somente através de avaliações escritas provoca neles grande angústia e sofrimento, fazendo com que se preocupem demasiadamente com notas e pouco com o aprendizado.

2.1 Problema

Ao observar as aulas ministradas na Escola Municipal Aurélio Buarque, percebe-se a predominância de uma metodologia relativamente tradicional e com pouquíssimas propostas de trabalho interdisciplinares, seja de língua inglesa, matemática, português ou de quaisquer outras matérias. Também foi observado que, com relação à língua inglesa, alguns alunos se sentem desmotivados, apesar de verificarmos que ela tem grande influência no interesse dos alunos. Outra situação constatada é o fato de cada turma possuir alunos com mais facilidade em certas matérias e alguns alunos com uma maior dificuldade em outras. Identificados estes contratempos, o presente Projeto de Ação busca aplicar atividades diversificadas no intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: como conduzir as atividades de língua inglesa numa linha mais construtivista, de forma que os alunos participem ativamente do próprio aprendizado, proporcionando aulas estimulantes para que eles se sintam bem motivados e interessados?

2.2 Objetivos

O ensino de qualquer matéria nas escolas segundo HOLDEN (2009, p.11) é desafiador, especialmente quando se trata de ensinar uma língua estrangeira como o inglês. São várias as dificuldades apontadas pela autora dentre elas. Por exemplo, ela diz que não é a própria linguagem dos alunos e que alguns deles talvez já “sabem” bastante o inglês de outros lugares. Além disso, devido a língua inglesa ter se tornado muito importante como um meio de comunicação internacional, Holden considera muito importante o aluno “desenvolver uma atitude positiva em relação à língua e ao conhecimento” com a finalidade de usá-la com sucesso.

Neste sentido, torna-se importante que os alunos adquiram o interesse pelo inglês e o conhecimento necessário para fazer uso dele tanto em sala de aula quanto fora dela.

Portanto, toma-se como estudo, estratégias de aprendizado para que o interesse e o conhecimento dos estudantes se desenvolvam com êxito.

Acredita-se que o processo de construir um aprendizado significativo em sala de aula deva envolver ideias práticas e relevantes para a realidade de cada sala de aula, onde professor e alunos possam experimentar a língua inglesa juntos, tornando o ensino e aprendizagem mais eficazes.

2.2.1 Objetivo geral

Estimular a motivação dos alunos através da dramatização e interpretação, fazendo uso da língua inglesa, bem como refletir sobre as maneiras de agir e interagir, além de proporcioná-los atividades lúdicas que ampliarão seus conhecimentos não só no que diz respeito à informação, mas também em relação a sua formação como cidadão.

2.2.2 Objetivos específicos

- Diagnosticar quais atividades desenvolvidas motivam e quais desmotivam os alunos nas aulas de inglês.
- Estimular os educandos para o hábito da leitura através de atividades prazerosas.
- Incentivar a prática da escrita, de uma forma dinâmica e criativa com atividades diferenciadas e diversificadas;
- Desmistificar o ato de escrever tornando os alunos autores de seus próprios textos.
- Encontrar fatores que contribuem para a aprendizagem da Língua Inglesa, considerando a realidade das escolas públicas;
- Adquirir conhecimentos sobre a organização e oralidade textual, bem como, utilizar a Língua Inglesa como comunicação.
- Possibilitar ao educando a aprendizagem de uma língua estrangeira em processo real, pedagógico, criativo e inovador.

2.3 Justificativa

A possibilidade de usar uma língua estrangeira para se comunicar se constitui numa necessidade nos dias de hoje. Aprender uma Língua Estrangeira permite ao aluno que ele se perceba como cidadão, pois ele será exposto a circunstâncias em que tal instrução será requerido. Portanto, é um direito dele ter oportunidades de utilizar outro sistema linguístico. Heloísa Amaral nos lembra em seu artigo, *A Língua é Viva*, publicado em 22/08/2007, página 1, que, segundo o teórico russo Mikail Bakhtin e seu círculo de estudiosos, “a língua tem vida porque é um diálogo contínuo entre os sujeitos sociais”. Por esta razão, o aluno deve ser protagonista da sua aprendizagem. Devemos centrar-se no envolvimento discursivo do estudante, ou seja, na sua capacidade de se envolver e envolver outros estudantes no discurso. Atividades que ressaltam a variante oral da linguagem são propícias para esta finalidade: conversas, canções, dinâmicas, encenações, histórias simples, jogos, pequenos diálogos, dentre outros. Desta forma, podemos fazer da aula de inglês uma vivência prazerosa e estimulante para os nossos alunos,

mantendo a motivação e facilitando a interação e participação de todos os alunos, possibilitando que eles se percebam como cidadãos.

Assim, pensamos em um Projeto que se baseie no enredo do filme “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, pois a História de Harry Potter é bastante atrativa para os adolescentes. Na prática, privilegiaremos a Interpretação e Dramatização, pois conforme Susan Holden menciona em seu livro O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais, 2009, página 148, “a dramatização diz respeito em grande parte às relações pessoais em situações específicas e, assim, oferece oportunidades ideais para explorá-las e expressá-las em inglês”.

Por último, mas não menos importante, aproveitando-se da História de Harry Potter, exploraremos também, em debates na sala aula, alguns temas transversais como “o respeito mútuo”, “a valorização da escola” e “a autonomia”.

2.4 Duração do projeto e público alvo

O público-alvo principal deste projeto de ação será os alunos matriculados em 2019, no 6º ano da Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda. São cinco turmas de 6º ano com uma média de 30 alunos por turma, quase todos na faixa etária de 11 anos de idade.

Para o planejamento e a discussão entre os envolvidos, bem como pesquisa, estudo e aplicação deste Projeto, estima-se a necessidade de dez meses a iniciar-se em março de 2019. O Projeto poderá sofrer adaptações no decorrer da sua aplicação ou construção para se adequar às necessidades reais.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Motivação e Interesse

Uma das maiores preocupações e reclamações constantes dos professores num ambiente escolar tem sido, ultimamente, a falta de envolvimento dos alunos com as atividades escolares. Uma pesquisa, desenvolvida por Pezzini e Szymanski, já constatava esta indesejável realidade:

Dentre todas as dificuldades pelas quais passa a educação no Brasil, destaca-se, atualmente, um grande desinteresse por parte de muitos alunos, por qualquer atividade escolar. Frequentam as aulas por obrigação, sem, contudo, participar das atividades básicas. Ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, que se confessam frustrados por não conseguirem atingir totalmente seus objetivos. (PEZZINI; SZYMANSKI, 2008, p.1)

Diante desta situação, torna-se imprescindível que educadores coloquem em foco a discussão da motivação e interesse para que soluções possíveis sejam apontadas como forma de auxiliar a reestruturação da prática docente e, conseqüentemente, a formação de ambientes mais propícios à aprendizagem. A ausência ou a existência de uma motivação constante durante a aprendizagem de uma segunda língua acarretará o desinteresse ou o interesse pelo aprendiz naquele ambiente de aprendizagem. Vejamos como Dornyei define motivação:

Motivation is one of the two key learner characteristics that determine the rate and the success of foreign language (L2) learning (the other APTITUDE): motivation provides the primary impetus to embark upon learning, and later, the driving force to sustain the long and often tedious learning process. (DORNYEI, 2000, p.425)

A motivação é uma das duas características principais do aluno que determinam a taxa e o sucesso da aprendizagem de uma língua estrangeira (L2) (a outra APTIDÃO): a motivação fornece o ímpeto primário para embarcar na aprendizagem e, posteriormente, a força motriz para sustentar o longo e, muitas vezes, tedioso processo de aprendizagem. (DORNYEI, 2000, p.425)

Como vimos, ratificando a importância da motivação, Dornyei afirma sê-la uma das características que determina a taxa e o sucesso na aprendizagem de uma segunda língua. Nós, professores de língua estrangeira, bem como os professores de outras áreas, precisamos estar atentos à questão da motivação durante todo o processo ensino-aprendizagem. Torna-se importante então, conhecer as estratégias motivacionais, assim como os obstáculos que causam a falta de motivação de interesse.

É incontestável que a motivação começa pelo ambiente de aprendizagem. Ele precisa ser agradável, limpo, dispor de recursos mínimos necessários como material didático de boa qualidade. Zagury (2006, p.197-199) destaca várias deficiências que causam a falta de motivação e interesse. Dentre essas deficiências, ela cita a estrutura física da escola e os recursos didáticos precários, além da falta de apoio familiar e de perspectiva de futuro. Moraes e Varela (2007, p.12-13) mencionam que a falta de planejamento e a maneira com que o professor desenvolve a aula também são fatores determinantes para a diminuição do interesse e motivação dos estudantes. Essas autoras destacam ainda que há diferença entre interesse e motivação. O interesse mantém a atenção, mas apenas a motivação possibilita superar as resistências que dificultam uma ação do estudante. O trabalho do professor é de extrema importância. A estimulação do interesse e da motivação recai, em grau maior, sobre os ombros do professor. É preciso, então, que o professor planeje bem suas aulas e desenvolva uma boa aula. Necessitará, portanto, que esteja sempre em constante atualização; deverá utilizar-se de múltiplos recursos, bem como refletir sobre si próprio, suas ações, técnicas, métodos, habilidades, capacidades. Estando bem preparado, o estímulo do interesse e da motivação será feito por meio de aulas bem planejadas, diferenciadas e com a utilização de recursos didáticos. Com o objetivo de propiciar o interesse dos estudantes e sua consequente motivação na aprendizagem da Língua Inglesa, desenvolveremos este Projeto de Ação, em que o aluno será exposto a diferentes formas de fazer o uso da língua inglesa: no laboratório de informática, nos encontros dos grupos para ensaios, nos debates proporcionados, na apresentação teatral. A dramatização e interpretação aqui proposta será um dos principais pontos de

motivação e interesse, pois estarão interligadas à socialização, a desinibição e a autonomia dos nossos aprendizes.

Dramatização e Interpretação

Alguns fatores comportamentais prejudicam os alunos durante o processo de ensino-aprendizagem. A falta de concentração e a timidez talvez sejam os impasses que mais se destacam neste processo. Pensando nisso, a inserção de atividades relacionadas à interpretação e dramatização pode contribuir de forma estratégica para minimização destes problemas na aprendizagem de uma língua estrangeira, no caso, a língua inglesa. Como observou Susan Holden (2009) “a dramatização diz respeito em grande parte às relações pessoais em situações específicas e, assim, oferece oportunidades ideais para explorá-las e expressá-las em inglês” (p.148). Sabemos que o professor de línguas precisa conhecer diversas estratégias de aprendizagem e pôr em prática atividades que sejam atrativas e dinâmicas. Assim como Susan Holden, acreditamos que a dramatização e a interpretação são recursos ideais para a motivação dos discentes, pois favorece a desinibição, tendo um papel importante na sua formação linguística e social. Conforme nos lembra Margarida Isabel Melo Gaspar:

Utilizar a dramatização na sala de aula é vantajoso porque: - Desenvolve a imaginação, exercita a criatividade e a expressividade [...]; - Havendo várias personagens, o aluno tem de trabalhar em grupo e aprender em colaboração com os outros, pois isso favorece a sociabilidade e a integração do estudante ao trabalhar diretamente sobre a dinâmica de grupo [...]; - Desinibe o discente, aumentando a sua autoestima e preparando-o para uma comunicação mais eficaz em contextos mais variados [...]; - Apresenta um componente lúdico que conduz uma melhoria da motivação. (GASPAR, 2014, p.10)

Portanto, a utilização da dramatização e interpretação na aula de língua inglesa torna-se um grande auxílio para aqueles alunos que desejam se aperfeiçoar, mas ainda não conseguiram superar a inibição da fala. Mais que isto, a LDB (1996, p. 17), reforça que a proposta de dramatização e interpretação tem o compromisso com o “desenvolvimento da capacidade de aprender” do aluno, pois oferece desafios, se levarmos em conta seu protagonismo e seu compromisso social na aprendizagem. Os educadores possuem enorme responsabilidade pelo fomento ao

protagonismo discente. A educação precisa ter fundamento para os alunos e professores. É nossa função estimular o protagonismo, o trabalho em grupo e a criatividade de nossos educandos.

NOGUEIRA afirma que:

Não basta que os alunos em sala de aula só recebam informação e façam alguns exercícios escritos sobre o conteúdo para aprender. Eles devem ter um papel mais ativo em sala... Os alunos devem ter seu espaço para usar aquilo que está sendo ensinado e entre erros e acertos, experimentar para aprender. Ao professor cabe também reconhecer que os alunos têm uma postura ativa nas situações de ensino, sendo sujeitos de sua aprendizagem, e que a espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas. (NOGUEIRA, 2008 p.5)

Diversas atividades podem surgir a partir de um texto representado de forma oral, visto que acreditamos num fazer diferenciado, inovador. A dramatização e interpretação em aulas de Língua Inglesa se caracteriza como uma forma para o ensino de leitura, está de acordo com os PCN's e irá, com certeza, auxiliar na formação ética de nossos alunos, conforme nos lembra bem Benevenuti:

...a incorporação do teatro às atividades escolares deve contribuir para a formação ética dos alunos, também porque o teatro é considerado como facilitador na formação de atitudes favoráveis em relação a todo legado cultural e a rituais de socialização. (BENEVENUTI, p.7)

Por meio deste Projeto tornar-se-á viável analisar a relevância de se aplicar a encenação, a representação e a performance como técnicas educacionais que permitem transmitir ensinamentos proveitosos, assim como observações sobre a realidade, oportunizando aos alunos enfrentarem as adversidades da vida, por meio de seus próprios questionamentos e reflexões, dado que, através da dramatização e interpretação, eles adquirem a oportunidade de exteriorizar, através dos discursos, seus próprios anseios, suas próprias emoções, inseguranças, como também identificar-se com as personagens, aperfeiçoar e desenvolver a relação com a leitura e, sobretudo, compartilhá-la com outras pessoas.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A saga Harry Potter é bastante conhecida pelos nossos alunos. Eles manifestam enorme interesse pelos filmes e livros da saga quando têm acesso a ela. O Projeto terá início com uma mesa-redonda em sala de aula sobre uma discussão sobre esta turma fantástica, as magias, seus efeitos, seus encantamentos, as razões da sua fama, como tudo se iniciou, quem elaborou a história, quem são os personagens: Harry Potter, os seus amigos, professores da escola, seus inimigos, animais de estimação, etc. Os alunos serão questionados sobre seus personagens favoritos na história e qual o entendimento e ponto de vista deles sobre a série Harry Potter. A seguir, será explicado aos alunos que desenvolveremos juntos um Projeto sobre o primeiro episódio da saga que se chama: “Harry Potter e Pedra Filosofal”. Bem como se dará o Projeto e a sua forma de avaliação. Será providenciada pelo professor, nas aulas seguintes, a exibição do filme na íntegra em inglês com legendas em português. Não haverá necessidade de maiores introduções. Após a exibição do filme, o professor deverá debater com os alunos, percebendo seus comentários e encorajando-os com questões que desenvolvam suas interpretações sobre o filme. Para início do debate, o professor poderá elaborar várias perguntas como, por exemplo: sobre o que mais os comoveu, quais cenas os impressionou, quais personagens mais gostaram e por quê, que acontecimentos mais lhe chamaram a atenção, etc., de forma a resgatar o enredo e desfazer prováveis dúvidas sobre a história. Outras inúmeras oportunidades de discussão em sala aula deverão ser proporcionadas como, por exemplo, relacionado à data de 20 de julho, quando se celebra o Dia do Amigo, o professor poderá valer-se do enredo para estimular uma discussão em sala de aula sobre o tópico “amizade”, pois Harry Potter compromete-se com seus grandes amigos em Hogwarts. Outra oportunidade de debate com os alunos seria sobre a cultura na Inglaterra. Como o cenário e ambientação se passam na Inglaterra, seria interessante que o professor desenvolva com os alunos como é a cultura local, expandindo o conhecimento dos alunos e, também, oportunizando o uso da língua inglesa. Em outros momentos, pode-se explorar o filme em diferentes modos, de acordo com o nível idiomático dos estudantes. Por exemplo, caracterizar personagens com base no emprego de

adjetivos físicos e de comportamento. O professor pode também escolher algumas cenas e depois exibi-las com legendas em inglês. Como os alunos já reconhecerão a história, o entendimento será mais compreensível, permitindo que o professor trabalhe termos específicos que auxiliem seus alunos na compreensão geral, além de explicar coletivamente as características dos personagens. Que características desses personagens mais despertaram a atenção dos alunos? Como eles se apresentam fisicamente e como se comportam? Bad or good, tall or short, fat or thin, ugly or pretty, intelligent or stupid, shy or outgoing, etc. Outra proposta seria trabalhar vocabulários característicos como “squeezed”, “witch”, “bits and bobs”, “wizard”, “holy cricked” “scar”, entre outros. O professor pode solicitar aos alunos que produzam um texto curto para um ou mais personagens, empregando frases completas. Exemplo: She is a witch and she is powerful. Caso o professor deseje, pode-se também trabalhar vocabulários específicos. Posteriormente à atividade coletiva, cada aluno deverá escolher um personagem do filme que não tenha sido abordado, produzindo um breve trecho descritivo, utilizando os adjetivos sugeridos e coletados em sala. Outros adjetivos que forem necessários, o aluno poderá consultar o professor ou o dicionário. Existe uma ampla diversidade de personagens com características específicas, como Quirrel, que é gago e possui um turbante na cabeça; Hagrid, que é bem alto e grande; Dumbledore, que é um senhor com barbas brancas e compridas; dentre outros. Feitas as discussões e as escritas, os alunos deverão ser levados ao Laboratório de Informática, dando continuidade às tarefas planejadas de pesquisa e entretenimento como:

- Pesquisa sobre a autora dos livros JK Rowling.

- Atividades diversas de entretenimento como “quiz” sobre personalidade, teste do chapéu seletor, qual a sua casa em Hogwarts, etc., disponíveis em vários sites, conforme algumas sugestões apresentadas abaixo:

<https://www.proprofs.com/quiz-school/personality/quizshow.php?title=teste-do-chapu-seletor&q=1>

<https://pt.quizur.com/tag/18s-chapeu-seletor>

<https://pt.quizur.com/quiz/qual-sua-casa-em-hogwarts-chapeu-seletor-43xA>

<https://www.purebreak.com.br/noticias/teste-harry-potter-quanto-conhecimento-voce-tem-sobre-as-casas-de-hogwarts/91582>

4.1 Recursos

Os recursos necessários para o desenvolvimento do projeto serão os citados abaixo:

- Cadernos – para anotações do debate e pesquisa.
- Dicionários – para consultas de palavras.
- Computador – para atividades de entretenimento e pesquisa.
- Data Show – para projeção do filme “Harry Potter e a Pedra Filosofal”
- Lousa e caneta de quadro branco -
- Aparelho de som – para reprodução de sons durante a apresentação final.
- Mídias de CD, DVD e pen drive – para gravação de sons e efeitos especiais.
- Internet – para pesquisas.
- Figurinos diversos – a serem confeccionados pelos próprios alunos.

4.2 Avaliação

Serão destinados 15 pontos dos 40 pontos a serem distribuídos no terceiro trimestre de 2019. A nota levará em conta o comprometimento dos alunos feito a partir da observação dos seus desempenhos nas diversas atividades propostas, desde o comportamento e interesse pelo filme, debate, socialização e comentário do trabalho dos colegas, participação nas atividades do telecentro, apresentação final no Auditório da escola e auto avaliação das atividades e sugestão de melhorias. Será proposta uma Ficha de Avaliação do Aluno para preenchimento, reflexão e discussão, que trará as seguintes solicitações:

Nome do aluno:

Data de início do projeto:

Relação de acréscimo de vocabulário:

Descreva como foi participar do projeto:

Descreva as dificuldades que você encontrou:

Como você percebeu a sua participação no grupo e dos demais colegas?

Sugestão de novas atividades:

Durante todo o desenvolvimento do projeto, o professor fará anotações que o permita avaliar a turma quanto: aos avanços apresentados no geral; o interesse; o envolvimento e a capacidade argumentativa dos alunos; O professor deverá também fazer os apontamentos durante e no final do projeto. A tecnologia será apenas uma aliada na aplicação do Projeto, não uma regra, utilizada para diversificar as aulas e as opiniões e por fazer parte da realidade do aluno.

4.3 Cronograma

ETAPAS	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Levantamento bibliográfico.	x	x								
Fichamento de textos.	x	x								
Elaboração do Projeto de Ação e publicação na plataforma.	x	x	x	x						
Sensibilização dos alunos para o início do Projeto.	x									
Filme "Harry Potter e a Pedra Filosofal".		x								
Debate com os alunos sobre temas do filme e divisão dos grupos de trabalho.			x							
Planejamento e escrita pelos alunos dos textos orais e escritos a serem apresentados.			x	x						

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que o ensino e a aprendizagem de língua de inglesa nas escolas públicas têm apresentado algumas dificuldades há décadas. De um modo geral, constatamos uma propensão ao ensino de regras gramaticais, estudo de vocabulário, realização de exercícios de escrita, leitura de textos e resposta a algumas perguntas de compreensão, propiciando a desmotivação durante as aulas, conforme já apontado pelos autores LIMA, J. de, Santos, E. N. dos, Dias, T. de C. & Amorim, S. S. (2016):

A realidade do ensino está estampada para quem quiser ver. Mesmo que a carga horária não seja propícia para elaborar uma aula fantástica, ou ao menos seguir o que os PCNs de língua estrangeira pedem, os professores continuam trabalhando em sala de aula sem nenhuma melhoria em sua metodologia de ensino. Onde é utilizado o mesmo conteúdo para diversas turmas de séries diferentes. Mantendo-se assim o tabu de que em escola pública apenas ensina-se o “famoso e chato VERB TO BE”, dando uma continuidade na desmotivação predominante em sala de aula. (LIMA et al, 2016, p.175).

Através deste trabalho buscamos um novo caminho para trabalhar melhor a língua inglesa, tentar vencer alguns obstáculos e encontrar melhores saídas para que o resultado seja satisfatório e haja motivação tanto para o aluno aprender quanto para o professor ensinar.

Assim, este Projeto de Ação foi fundamental para a investigação e constatação de que a diversificação e o enriquecimento de atividades, principalmente orais, como a interpretação e dramatização onde o aluno deixa de ser passivo e passa a ser atuante, são fundamentais para que os alunos adquiram o costume e a liberdade de interagir entre eles. São com essas pequenas iniciativas que podemos criar um interesse entre os alunos para aprendizagem da língua inglesa

Houve um grande empenho e dedicação na realização das atividades de dramatização por parte dos alunos, um maior envolvimento dos pais em ajudar seus

filhos na realização das tarefas, bem como um despertar para a busca de novas leituras.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Heloísa. **A língua é viva**. Disponível em < <https://www.escrevenoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1372/a-lingua-e-viva> > Acesso em 28/03/2019.
- BENEVENUTI, Clesiane Bindaco. **A importância da dramatização em sala de aula: o ensino de língua articulado às novas tecnologias**. *Anais... Belo Horizonte, Texto Livre*, 2017. Disponível em < <file:///C:/Users/Luiz/Downloads/12132-36105-1-PB.pdf> > Acesso em 20/06/2019.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, e legislação correlata**. Brasília: Senado Federal, 2005.
- COSTA, Elvira Livonete. **Fatores que motivam e desmotivam na aprendizagem da Língua Inglesa**. Disponível em < <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/fatores-que-motivam-desmotivam-na-aprendizagem-lingua-inglesa.htm> > Acesso em 15/05/2019.
- DÖRNYEI, Zoltán. **Motivation & Motivation theories**. In M. Byram (Ed.), *Routledge encyclopedia of language teaching and learning* (pp. 425-435). London: Routledge, 2000. Disponível em < https://www.nottingham.ac.uk/english/lookup/lookup_az.php?id=NjA0Mjcz&page_var=personal > Acesso em 06/06/2019.
- GASPAR, Margarida Isabel Melo. **A dramatização na sala de aula como recurso para desenvolver a expressão e a interação orais**. Disponível em < <https://run.unl.pt/bitstream/10362/14107/1/Relat%C3%B3rio%20Mestrado%20Margarida%20Gaspar.pdf> > Acesso em 24/05/2019.
- HOLDEN, Susan. **O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.
- JORDÃO, C.M. **O ensino de língua estrangeira em tempos pós-modernos**. Curitiba, UTFPR, 2004.
- MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. **Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem**. *Revista Eletrônica de Educação*, v.1, n.1, ago./dez.2007. Disponível em: < http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf > Acesso em 06/06/2019.
- NEUSCHRANK, Paloma. **Metodologias utilizadas em sala de aula (língua estrangeira)**. Disponível em < <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/metodologias-utilizadas-em-sala-de-aula-lingua-estrangeira/57897> > Acesso em 27/11/2018.

NOGUEIRA, Zélia Paiva. **Atividades lúdicas no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa**. Portal Dia-a-dia Educação, 2008. Disponível em < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/967-4.pdf> > Acesso em 24/05/2019.

PEZZINI, Clenilda Cazarin; SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. **Falta de desejo de aprender: causas e consequências**. Portal Dia-a-dia Educação, 2008. Disponível em < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf> > Acesso em 03/06/2019.

ZAGURY, Tânia, **O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2006.